

DECISÃO - POEMAS DIALÉTICOS

ASSIS BRASIL

O livro de Pedro Lyra, *Decisão - Poemas Dialéticos*, levanta algumas questões, não apenas paroquiais, mas abrangentes, em que se envolve, ainda e mais uma vez, o conceito de poesia, a sua finalidade e/ou a sua utilidade no mundo capitalista, cujo sistema econômico submete às suas normas todas as manifestações da vida humana.

Em primeiro lugar, é preciso situar esse livro na contemporaneidade literária brasileira - embora a ousadia de sua concepção, *Decisão* não é um livro solitário em nossa literatura, tampouco uma aberração ou um produto exógeno. Para situá-lo, no entanto, temos que aludir a uma espécie de conflito que existe na poesia brasileira atual.

Temos os remanescentes (ou *reencarnados*) poetas da "tradição modernista" de 1922, que se agrupam a alguma coisa apelidada de "poesia marginal", ou de "geração do mimeógrafo" ou de "poesia pornô", todos gatos pardos do mesmo saco e que fazem uma prosa magra, desinteressante, do cotidiano mais imediato. Aqui, um poeta que se assina Chacal, pode ser destacado, não pelo que tem de comum com o grupo, mas por uma postura algo surrealista da linguagem, o que nos levaria a pensar naquela reflexão de Octávio Paz, que disse que um poema hermético proclama a grandeza da poesia e a miséria da história.

E tal reflexão, que destaca o lado "obscuro" da poesia, a sua aura, o seu prestígio emblemático, nos leva a outra linhagem da nossa contemporaneidade literária: a dos imagistas, na tradição universal da imagem, fatura milenar da poesia, da fábula, da paródia, da parábola, do mito, do paradoxo, ou seja, a metáfora é própria a uma linguagem que quer falar o incomum, a não-norma, para poder se comunicar com o mistério, com outros níveis da consciência humana. Este tem sido um aspecto estético permanente da linguagem poética, implícita aqui a identidade da poesia com não-dito, com o interdito, com o intertexto, o irrevelado aos olhos "pagãos" da linguagem lógica e pedestre. Esta poesia é rica em "figuras", em "estados" contemplativos e confessionais, e aqui podemos destacar Walmir Ayala - o mais mítico - Marly de Oliveira, "órfica" e virgiliana; Foed Castro Chamma - o mais "exorcizador" da realidade; e mais Carlos Nejar, Nauro Machado.

E temos, enfim, a linhagem dos poetas construtivistas, reunindo-se aqui os Vanguardas: Concretismo, Praxismo, Processo, em destaque Augusto e Haroldo de Campos, Wladimir Dias Pino e, a esta altura, os menos ortodoxos Mauro Gama, Armando Freitas Filho, Adailton Medeiros.

Pedro Lyra se aproxima deste grupo ainda atuante, de sua feição mais experimental do que tradicional, embora seus trabalhos estejam mais numa área do que podemos chamar de "artefato literário", do que propriamente na área do "objeto estético". Ambos são *formas*, criadas pela linguagem, mas o *conteúdo* do

segundo é sua própria *forma*, "um par de seres", uma *forma conteúdo*. Esta tem ainda, no dizer de Hjelmslev, um "plano de expressão", ou seja, contém um "estrato de forma", enquanto o "plano do conteúdo" tem um "estrato de substância". E é esta substância, este "material" com que lida a forma, que se comunica mais fácil, mais rápido.

Já podemos falar agora de "poema crítico", cuja matriz estética é, em nosso meio, João Cabral, um construtivista de largo poder criativo. A sua poesia deixou de ser aquela "solicitação ao agradável", ao profundo. Cabral já mudou o conceito de *beleza*, ou alargou o seu espectro significativo, como já haviam feito os pintores cubistas, quando um crítico ressentido parafraseou Dostoievski, dizendo que "se a beleza não mais existe, tudo é permitido". Mas Cabral salva-se do prosaísmo desinteressante ao adotar a estrofação, algo sintética, algo "visual", da redondilha. Toda a sua obra é uma perseguição da simetria e síntese da quadra, com que "mascara", no bom sentido, a sua poesia com uma dicção de sabor popular, calcada às vezes, é bem verdade, numa ressonância longínqua.

Para ressaltar aquele aspecto do "conteúdo", recorramos a uma reflexão estética de Sartre, que o impregna de um sentido social. Ele estava preocupado com uma literatura engajada politicamente e por isso alargou o sentido de uma palavra: *contexto*. Não exatamente o contexto dos linguistas ou dos críticos literários. O *contexto* sartreano remete para a literatura uma função social imediatista (os contextos políticos-ideológicos), a que o homem, em qualquer nível de conhecimento, não pode fugir.

As situações narrativas, então em face do contexto, tinham que explicitar, mostrar claramente o relacionamento do homem com o mundo - o aspecto do prazer estético, da contemplação da obra, é eliminado em proveito da visão social do contexto. A literatura torna-se puro instrumento de indagação, puro caminho por onde deve trilhar o discurso doutrinário, em favor de uma ação transformadora do homem.

João Cabral salva-se desta visão *contextual* e doutrinária da poesia porque, ao fazer a sua opção social, questionando a realidade, através de sua "poesia prosaica" ou "narrativa", conserva e mantém a sua postura de questionar também o valor estético da poesia, quer como poesia propriamente, quer como instrumento adequado para veicular o conteúdo social sem se transformar noutra coisa. "Eu vejo o poema como uma obra de arte", disse ele. Então a sua poesia é uma poesia-crítica da forma/conteúdo.

Os poemas de Pedro Lyra estão ligados a esta posição de João Cabral, embora eles sejam sem *forma*, ou melhor, não questionam a *forma* da poesia ao nível de uma metalinguagem, como Cabral. Seus poemas têm pausa, certo ritmo, e mantêm sempre o sabor de uma dicção prosaica e de uma narrativa linear. O conteúdo é claro, explícito, e foi assim que o poeta quis:

Mas

sabemos que um poema tem que dizer.
E que os poemas que realmente serviram ao mundo do homem
Modificaram
O Mundo e o Homem.

*

Para nós, A POESIA
NÃO É UM BRINQUEDO: É UMA ARMA

A linhagem ideológica é brechtiana, naquele aspecto que seu teatro e seus poemas, de claro sentido didático e dialético, mostram os acontecimentos sociais. A sua intenção não é bem explicar, mas modificar o mundo. Assim, o conteúdo de sua arte surge para agir, para ter uma função transformadora. Mas Bertolt Brecht dizia que a arte, além de fazer pensar, também divertia.

Pedro Lyra faz uma concessão à metalinguagem quando questiona o verso, cujo "ciclo histórico", para os concretistas, já se encerrara, e fala então em "versifrases":

Para nós, o poeta
(sobretudo aqui-agora) é um homem
armado de sentires e pensares:
- EM VERSIFRASES QUE OS DEFINEM,
DIZ/PARA O FUTURO.

O "versifrase" não é bem o linossigno de Cassiano Ricardo, que tinha intenções "visuais" ao eliminar a tradição da horizontalidade do verso, remetendo-o à linha cruzada e vertical. Ele queria integrar, ao ato de compor a linha (pelo poeta), o ato de compor a linha (pelo linotipista), o que o levava de volta aos concretistas.

Esta disposição visual, "orgânica", do verso, também não está nos planos de Pedro Lyra, tampouco a página em branco exerce função na estrutura do poema, servindo como mero suporte (neutro) para o discurso:

Isto
é o que eu quero dizer:
O burguês está destruindo o humano.
E esta é a forma em que quero dizê-lo.

Aqui podemos lembrar Robert Graves com o seu curioso *The White Goddess*, que é uma teoria da natureza da poesia. Ele opõe "poesia do estro", que seria aquela fruto da inspiração, a "poesia analítica". A primeira, ligada aos cultos primitivos da Lua, acabaria, na transposição do mito para o Ocidente, sendo disciplinada pelo culto racional do Sol, representado por Apolo. Num paralelo cultural, seria a rejeição do alfabeto órfico em favor do alfabeto comercial dos fenícios, o nosso conhecido ABC.

A tese ocidentalista, da destruição dos mitos lunares, era que a usurpação, viril, racional, do Sol, tinha na sua própria natureza um argumento irresistível: é mais fácil enxergar sob a luz solar do que sob um luar. A resposta a isso daria, mais tarde, o romancista Colin Wilson, para quem "os modos de pensamento racionais e altamente conscientes são como redes grandes que deixam escapar peixes menores". E ainda diria, nessa ordem de valores, o velho Tolstoi, enfatizando a *miséria da história*: "Se descreves o mundo tal qual é, não haverá em tuas palavras senão muitas mentiras e nenhuma verdade". É que a vida social não exerce domínio absoluto sobre o Homem, substituindo outras formas de ver o mundo da consciência. As manifestações da vida humana não são apenas econômicas.

Na sua *Poética* (em 17 ditos), que é a abertura de *Decisão*, Pedro Lyra diz de sua concepção do "útil" na poesia, que redundaria no "efeito" direto de sua leitura. E como se trata de *poemas-críticos*, não de poesia-crítica, é a "sociedade burguesa", generalizada, o objeto da crítica. Mas seria interessante considerar que o que existe não é uma "sociedade burguesa", como diz o poeta, mas um "espírito da burguesia", que pode surgir ou estar latente em qualquer classe ou não. O "espírito burguês", este sim, responsável por aquela transformação do "alfabeto órfico" em "alfabeto comercial". E mais: é certo que muitos intelectuais burgueses, como o próprio poeta, não comungam com aquele "espírito", posição esta que já levou muito intelectual a fazer revolução proletária ou a escrever livro de protesto.

A coletânea de poemas de Pedro Lyra, enfim, é um conjunto em aberto, instigante, que suscita muitas perguntas e sustenta muitas respostas, como a que é dada num de seus "poemas dialéticos", onde se define a sua mensagem ideológica:

Mas
serão
versífrases poesia? Um poema
não diz que o burguês está destruindo o humano
assim, desta maneira. E, se tiver que dizê-lo,
deve escrever: "Os espinhos estão ferindo as flores".

Mas eu quero dizer
é que o burguês está destruindo o humano,
não que os espinhos estão ferindo as flores.

ISTO
É O QUE EU QUERO DIZER.
O BURGUÊS ESTÁ DESTRUINDO O HUMANO.
E ESTA É A FORMA EM QUE QUERO DIZÊ-LO.

(Quanto a espinhos, podem
continuar ferindo flores.)